

Crenças linguísticas de estudantes de licenciaturas sobre os usos variáveis da língua portuguesa

Linguistic beliefs of teaching training undergraduate students about the variable uses of Portuguese language

Mairo Cândido Rodrigues¹

IFPA/UFT

Daniel Marra da Silva²

IFTO/UFT

Resumo: Este artigo descreve as crenças que estudantes de licenciaturas possuem sobre os usos variáveis da língua portuguesa e analisa as posturas sociolinguísticas delas decorrentes. A pesquisa foi realizada com 48 estudantes de quatro licenciaturas (Educação Física, Física, Letras e Matemática) do Instituto Federal do Tocantins, *Campus* Palmas, entre os anos de 2017 e 2019. Como fundamentação teórica e metodológica, recorreu-se a Lambert e Lambert (1972), Moreno Fernández (1998), López Morales (1993; 2004), Labov (2008) e Cyranka (2007; 2011) dentre outros. Os resultados evidenciaram que, em geral, estudantes de licenciatura em Letras possuem crenças mais positivas a respeito dos usos linguísticos diversos e sobre o próprio uso da língua, resultado oposto ao observado com estudantes das outras licenciaturas, que demonstraram, na maioria das vezes, crenças menos positivas através dos testes realizados. Esse resultado encontra explicação no fato de os estudantes de Letras estarem em contato com teorias linguísticas desde o início da formação docente e evidencia a necessidade de uma provocação reflexiva sobre as variedades linguísticas com todos os estudantes de licenciaturas, visto que como futuros educadores, deverão evitar a imposição da variante de prestígio sem uma reflexão crítica acerca das demais variedades linguísticas.

Palavras-chave: Língua Portuguesa; Crenças Linguísticas; Posturas Sociolinguísticas; Variedades Linguísticas; Estudantes de Licenciaturas.

Abstract: This article describes the beliefs that undergraduate students have about the variable uses of the Portuguese language and analyzes their sociolinguistic postures. The research was conducted with 48 students from four undergraduate courses of teaching training (Physical Education, Physics, Letters/Portuguese and Mathematics) of Federal Institute of Tocantins, between 2017 and 2019. As theoretical and methodological apparatus, we used Lambert and Lambert (1972), Moreno Fernández (1998), López Morales (1993; 2004), Labov (2008) and Cyranka (2007; 2011) among others. The results showed that, in general, undergraduate students of Letters/Portuguese have more positive beliefs about the varied linguistic uses and about their own use of language, opposite to the observed with students of the other undergraduate degrees, which showed, most of the time, less positive beliefs regarding language variation. This result is explained by the fact that Letters/Portuguese students have been in contact with linguistic theories since the beginning of their teaching training and highlights the need for a reflexive provocation about language varieties with all teaching training programs, since as future educators these

¹ Mestre em Letras pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA), *Campus* Cametá. E-mail: mairo.rodrigues@ifpa.edu.br

² Doutor em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Professor do Instituto Federal do Tocantins (IFTO) e do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPG/Letras) da Universidade Federal do Tocantins (UFT). E-mail: danielmarra@ifto.edu.br

students should avoid positing the prestige variant without a critical reflection on the other linguistic varieties.

Key-words: Portuguese language; Language beliefs; Sociolinguistic postures; Language varieties; Teaching Training Students.

Submetido em 22 de setembro de 2019.

Aprovado em 28 de novembro de 2019.

Introdução

Apresenta-se neste artigo o resultado de um estudo de natureza quali-quantitativo com a participação de 48 estudantes vinculados a quatro cursos de licenciaturas. Com esta pesquisa, objetivou-se a identificação das crenças que esses estudantes possuem sobre a língua portuguesa, incluindo o próprio uso, bem como das decorrentes posturas sociolinguísticas que assumem suas atitudes diante dos usos linguísticos variáveis.

A motivação da pesquisa decorreu do contato do primeiro autor deste artigo, em um primeiro momento, como professor de disciplinas de formação pedagógica, com os sujeitos participantes, estudantes de quatro licenciaturas do Instituto Federal do Tocantins, *Campus* Palmas. Em determinados contextos de interação, esses sujeitos demonstraram crenças bastante controversas sobre o uso da língua portuguesa, seguidas de fortes e questionáveis atitudes sociolinguísticas. Esses sujeitos não hesitavam em criticar ou condenar as falas que consideravam ‘incorretas’ de seus interlocutores.

Tais atitudes reforçam as crenças de que os usos linguísticos são homogêneos e de que os desvios devem ser condenados e reprimidos, visando o restabelecimento dos fatos linguísticos aos seus usos valorizados socialmente. Essas posturas são, no entanto, reflexos de crenças inadequadas sobre o ideal sócio-histórico da unidade linguística e revela o posicionamento sociolinguístico dos sujeitos que as empregam.

Diante disso, em um segundo momento, como estudante do programa de Mestrado em Letras da Universidade Federal do Tocantins, este autor retornou ao espaço acadêmico das licenciaturas do *Campus* Palmas do IFTO, desta vez como pesquisador, com o objetivo de registrar as crenças sobre os usos diversos da língua portuguesa que esses sujeitos possuem e de observar as atitudes linguísticas decorrentes dessas crenças. Assim, partiu-se da hipótese de que estudantes de licenciatura em Letras possuiriam crenças mais positivas a respeito dos usos linguísticos, ao passo que estudantes de outras licenciaturas revelariam atitudes menos positivas. Essa hipótese buscou justificativa no fato de os

estudantes de Letras terem contato com teorias linguísticas desde o primeiro período do curso, bem como na ausência de contato que os estudantes das outras licenciaturas (Física, Matemática e Educação Física) possuem com tais abordagens teóricas.

Para esta pesquisa, aplicou-se um teste de avaliação chamado de teste de medida indireta a 48 participantes. Definiu-se para o tratamento dos dados estatísticos as variáveis gênero, períodos iniciais e finais do curso. Destaca-se que este é apenas um recorte de uma pesquisa de mestrado realizada entre 2017 e 2019 sobre crenças e atitudes linguísticas de estudantes de licenciaturas.

1. O conceito de crenças

Crenças são entendidas como algo intrínseco, estabelecido desde o início da vida, pela convivência familiar, de uma comunidade ou sociedade onde o indivíduo está inserido. Desse modo, pode-se entender que um mesmo indivíduo dependendo de onde foi criado, pode ter um comportamento futuro estabelecido a partir dos aprendizados, de escolhas e comportamentos, convicções e ações.

Lexicalmente, “crença” tem as seguintes definições: ato ou efeito de crer; fê; convicção íntima; opinião formada; estado, processo mental ou atitude de quem acredita em pessoa ou coisa; disposição subjetiva a considerar algo certo ou verdadeiro por força do hábito ou das impressões sensíveis (HOUAISS, 2009). Faz-se, portanto, complexo definir o que são crenças, em sentido específico, uma vez que se caracteriza como um objeto de estudo subjetivo, mesmo que parcialmente, envolvendo a cognição e a vertente social. Nesse sentido, são muitos os termos e concepções atribuídas à crença, a fim de defini-las e/ou significá-las.

Segundo Lambert e Lambert (1972, p. 78), na perspectiva da psicologia social, as crenças “são pensamentos, sentimentos (ou emoções) e tendências para reagir”, indicando que são componentes das atitudes, uma vez que estão relacionadas a “sentimento e tendências reativas” responsáveis por influenciar a maneira de pensar ou agir dos indivíduos, bem como nas tomadas de decisão, e por isso são intrínsecas ao aspecto cognitivo. Cyranka (2007, p. 21) corrobora assinalando que crenças se desenvolvem na interação social, moldadas “por processos culturais e sociopolíticos”. Além disso, sustenta que “as crenças [...] tendem a ser estáveis, difíceis de serem alteradas, por se

formarem cedo, por outro lado, estando ligadas ao contexto, podem ser modificadas ou substituídas por outras a partir da reflexão”.

Consoante a isso, Silva (2010) estabelece que não se pode limitar as crenças às conceptualizações, haja vista que elas não se caracterizam apenas como um conceito cognitivo, mas também social, porque nascem de nossas experiências e problemas, de nossa interação com o contexto e da nossa capacidade de refletir e pensar sobre o que nos cerca. Nessa perspectiva, Barcelos (2007) assinala que crença é uma forma de se pensar e compreender o mundo, construindo a realidade a partir dos fenômenos, das experiências e da interação com o ambiente socialmente construído, criando-o, interpretando-o e (re)significando-o, partindo as crenças do social para o individual.

Não obstante, Silva (2011) fala sobre a dificuldade em definir crenças e, apoiado em Pajares (1992), apresenta um rol de termos relacionados a crenças, como atitudes, valores, julgamentos, axiomas, opiniões, ideologia, percepções, conceituações, sistema conceitual, pré-conceituações, disposições, teorias implícitas, teorias explícitas, teorias pessoais, processo mental interno. Por outro lado, López-Morales (1993) argumenta que o estudo das crenças, depende de perceber como o padrão social influencia ou não em determinado comportamento estabelecido dentro de um grupo de pessoas, uma comunidade ou até uma nação. Uma crença pode existir e não ser necessariamente externalizada. O que gerará ou não uma atitude, vai depender de como uma crença é tratada dentro do grupo, seja ele pequeno ou grande:

Las creencias sí pueden estar integradas por una supuesta cognición, por un integrante afectivo o por ambos. Aunque no todas las creencias producen actitudes (piénsese, por ejemplo, en las etimologías populares), en su mayoría conllevan una valoración: si se cree que el fenómeno x es rural, es decir, lleva signos de rusticidad, inelegancia, etc., se calificará negativo (LÓPEZ-MORALES, 1993, p. 291).

Nesse sentido, pode-se dizer que as crenças têm um caráter cognitivo e social, estando ligadas ao aspecto afetivo e popular, mesmo preservando suas peculiaridades. Desse modo, as crenças são externalizadas a partir das construções internas intrínsecas a cada indivíduo, que podem ser caracterizadas pelas atitudes. Silva (2010, p. 33) ratifica esse pensamento ao dizer que as crenças são socialmente e linguisticamente construídas

a partir das experiências do indivíduo. “Primeiro, as crenças são socialmente (e, desse modo, também cultural e historicamente) constituídas através da interação, recíprocas, dinâmicas, possuindo uma estreita relação com a ação”.

Analisando sobre o aspecto linguístico, o que se percebe é que os signos linguísticos são percebidos, analisados e utilizados conforme o seu prestígio ou desprestígio, dentro de diferentes grupos nas camadas sociais existentes, o que pode determinar não somente comportamentos sociais, mas também linguísticos. Labov (2008, p. 176) conceitua crenças como sendo “um conjunto de atitudes frente à linguagem que são compartilhados por quase todos os membros da comunidade de fala, seja no uso de uma forma estigmatizada ou prestigiada da língua em questão”. Tais atitudes podem ser entendidas como verdades estabelecidas dentro de um grupo social, obrigatórias aos membros desse grupo.

Para ilustrar a compreensão de crença, López-Morales (2004) apresenta em seu trabalho a figura abaixo (figura 1), que estabelece a crença como um componente anterior ao de atitude, que é composta por cognição e afetividade. Defende, entretanto, que na crença está contida a atitude, bem como os demais componentes atribuídos a ela, como o conhecimento, o sentimento e o comportamento.

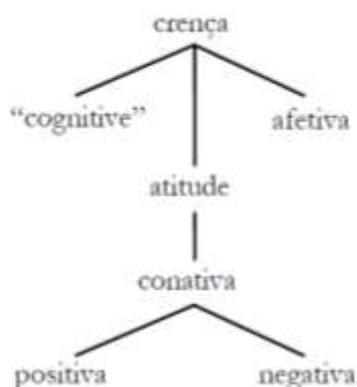


Figura 1 - Relação entre crença e atitude segundo López Morales.

Fonte: López Morales (2004, p. 235).

Depreende-se, assim, que a crença é formada a partir daquilo que é aprendido, seja a partir do processo mental de percepção, memória, juízo e/ou raciocínio (cognitivo), ou

do que tem ou denota aferição (afetivo). Evidencia-se, assim, o conceito de crenças como sendo algo intrínseco, convicção íntima, opinião formada, processo mental, posicionamento, pensamentos, emoções, forma de pensar e de compreender o mundo, que tem sua gênese nos processos de convívio cultural e sociopolítico, bem como, pode-se afirmar que não faz parte do campo da ação, assim como a atitude.

Evidentemente, as definições de crenças e atitudes expressas acima serão essenciais para o estudo que se apresenta neste artigo. Como se evidencia a seguir, concordando com Pastoreli (2012), as crenças possuem fatores afetivos e sociais, e mesmo que elas não venham a produzir uma atitude, elas estabelecem um posicionamento.

2. Procedimentos metodológicos

Para o teste de crenças, foi aplicado um questionário com 45 afirmações como meio de medida direta, visando identificar as crenças sobre o uso da língua portuguesa. Para este artigo foram selecionadas apenas nove afirmações. Trata-se das afirmações 1, 4, 8, 13, 25, 26, 29, 32 e 39 do instrumento de coleta dos dados. As questões eram fechadas, com a opção verdadeira ou falsa, com exceção da questão 25 que era aberta.

As questões do inquérito foram adaptadas de Cyranka (2007), Andrade (2014) e Barbosa e Cuba (2015), além de outras que foram elaboradas pelo autor da dissertação que deu origem a este trabalho. Foram aplicados questionários *in loco* a 48 participantes, todos estudantes das licenciaturas do IFTO, *Campus* Palmas. A seleção foi estabelecida a partir dos seguintes critérios: curso de licenciatura (ensino superior incompleto), situação (ano inicial e ano final) no curso, e gênero do participante.

Não foi possível, nesta pesquisa, estratificar os participantes de acordo com a variável idade, porque a grande maioria dos estudantes é composta por jovens e está na faixa etária de 18 a 24 anos. O quadro 01 abaixo demonstra como foram escolhidos os grupos que participaram da pesquisa.

Curso de graduação	Quantidade de entrevistados	Situação		Sexo
		1º ano da graduação	4º ano da graduação	
Educação Física	12	03	03	Masc.
		03	03	Fem.

Letras	12	03	03	Masc.
		03	03	Fem.
Física	12	03	03	Masc.
		03	03	Fem.
Matemática	12	03	03	Masc.
		03	03	Fem.
TOTAL	48			

Quadro 1 - Descrição da amostra da variável (curso/situação/sexo).

Fonte: CÂNDIDO-RODRIGUES (2019).

3. Resultados

Como já dito, este estudo partiu do pressuposto de que as motivações das atitudes linguísticas são as crenças condicionadas pela interação de diversos fatores: cognitivos, comportamentais, culturais e sociais. Após a aplicação do teste de medida direta das crenças, evidenciou-se que as crenças linguísticas são demonstradas nas atitudes. Assim, nota-se que em relação à crença de que a língua ESCRITA é mais correta do que a FALADA essa percepção se altera do ano inicial para os anos finais das licenciaturas, principalmente quando se analisa as respostas dos acadêmicos de Letras, conforme o Quadro 2 abaixo:

VARIÁVEL CONSIDERADA		VERDADEIRO		FALSO		Total	
		Quant.	Percent.	Quant.	Percent.	Quant.	Percent.
Matemática	Primeiro Ano	3	50,0%	3	50,0%	6	100,0%
	Último Ano	3	50,0%	3	50,0%	6	100,0%
Física	Primeiro Ano	2	33,3%	4	66,7%	6	100,0%
	Último Ano	1	16,7%	5	83,3%	6	100,0%
Educação Física	Primeiro Ano	4	66,7%	2	33,3%	6	100,0%
	Último Ano	5	83,3%	1	16,7%	6	100,0%
Letras	Primeiro Ano	3	50,0%	3	50,0%	6	100,0%
	Último Ano	0	0,0%	6	100,0%	6	100,0%

Quadro 2 - Teste de crenças – A língua ESCRITA é mais correta do que a FALADA - Acadêmicos por curso.

Fonte: CÂNDIDO-RODRIGUES (2019).

O Quadro 2 mostra que as crenças que os participantes da pesquisa possuem em relação às modalidades falada e escrita da língua diferem dependendo do curso a que estão vinculados e também do estágio inicial ou final em que estão. Essa diferença é mais acentuada nas crenças evidenciadas pelos acadêmicos de Física e Letras. Esse resultado

encontra explicação no fato de que os acadêmicos de Letras têm a língua como objeto de estudo, daí podem desenvolver representações que envolvam tanto a língua falada, quanto a escrita. Por outro lado, essa explicação não pode ser aplicada ao resultado dos estudantes de Física. Uma hipótese para o resultado identificado com os estudantes de Física é de que eles já estavam a par do conceito de certo e errado relativamente aos usos linguísticos.

Evidentemente, as teorias linguísticas propiciam ao estudante de Letras reflexões mais adequadas das ações que guiam o comportamento dos indivíduos em relação a sua fala e à fala de outrem, bem como à modalidade escrita da língua. Isso não quer dizer que sejam eles os únicos a adquirirem no decorrer de sua formação acadêmica a consciência linguística referente ao uso da língua. Por outro lado, o estudante de Letras é posto em contato com teorias que revelam questões internas ou externas à língua, que condicionam as ações linguísticas dos falantes. Isso é importante porque mostra que as teorias podem e devem se encaixar na vida social dos indivíduos. Conforme argumentam Marra e Milani (2011, p. 152), empreendendo um diálogo com Labov, “uma teoria apenas se justifica se ela se encaixa nos fatos, sobretudo para alguns fatos, como aqueles que afetam as chances das vidas das pessoas, que são mais importantes do que outros”.

O Quadro 3 abaixo expressa crenças relativamente à afirmação de que para saber ESCREVER bem, basta conhecer as regras de ortografia. As respostas dos participantes da pesquisa revelaram uma percepção menos negativa relativamente à língua.

VARIÁVEL CONSIDERADA		VERDADEIRO		FALSO		Total	
		Quant.	Percent.	Quant.	Percent.	Quant.	Percent.
Matemática	Primeiro Ano	0	0,0%	6	100,0%	6	100,0%
	Último Ano	0	0,0%	6	100,0%	6	100,0%
Física	Primeiro Ano	2	33,3%	4	66,7%	6	100,0%
	Último Ano	0	0,0%	6	100,0%	6	100,0%
Educação Física	Primeiro Ano	2	33,3%	4	66,7%	6	100,0%
	Último Ano	1	16,7%	5	83,3%	6	100,0%
Letras	Primeiro Ano	1	16,7%	5	83,3%	6	100,0%
	Último Ano	0	0,0%	6	100,0%	6	100,0%

Quadro 3 - Teste de crenças – Para saber ESCREVER bem, basta conhecer as regras de ortografia.

Fonte: CÂNDIDO-RODRIGUES (2019).

Esse resultado explicita que a crença sócio-historicamente difundida de que para saber ESCREVER bem, basta conhecer as regras de ortografia não predomina entre os participantes da pesquisa, principalmente quando se avalia a percepção dos participantes em final de curso. Isso pode encontrar explicação na formação específica do participante da pesquisa, um(a) potencial professor(a), que lidará no cotidiano da sala de aula com a língua como um fato social.

O Quadro 4 abaixo avalia a crença de que o bom professor FALA sempre de acordo com as regras de gramática normativa.

VARIÁVEL CONSIDERADA		VERDADEIRO		FALSO		Total	
		Quant.	Percent.	Quant.	Percent.	Quant.	Percent.
Matemática	Primeiro Ano	0	0,0%	6	100,0%	6	100,0%
	Último Ano	1	16,7%	5	83,3%	6	100,0%
Física	Primeiro Ano	0	0,0%	6	100,0%	6	100,0%
	Último Ano	1	16,7%	5	83,3%	6	100,0%
Educação Física	Primeiro Ano	2	33,3%	4	66,7%	6	100,0%
	Último Ano	3	50,0%	3	50,0%	6	100,0%
Letras	Primeiro Ano	3	50,0%	3	50,0%	6	100,0%
	Último Ano	0	0,0%	6	100,0%	6	100,0%

Quadro 4 - Teste de crenças – O bom professor FALA sempre de acordo com as regras de gramática normativa.

Fonte: CÂNDIDO-RODRIGUES (2019).

Esse resultado mostra que à exceção dos acadêmicos do curso de licenciatura em Educação Física, todos os demais entrevistados deixam-se analisar como tendo clara a compreensão de que língua escrita e falada são entidades distintas e com estruturas próprias. Assim, os resultados revelam que estereótipos decorrentes de juízos de valor dirigidos antecipadamente a um falante ou a um grupo, consistindo de um julgamento generalizado e superficial que não leva em consideração a individualidade dos sujeitos nos momentos de fala, têm sido ultrapassados devido a uma tomada de consciência linguística propiciada pelo ambiente acadêmico de formação docente.

Conforme Lambert e Lambert (1972), Moreno Fernández (1998) e López Morales (2004), as atitudes são integradas pelos componentes cognitivo, afetivo e comportamental, de modo que para que uma atitude se concretize é necessário que esses três componentes estejam inter-relacionados. Isso quer dizer que o que o indivíduo sente

e a maneira como ele reage diante de um objeto social deve estar coerentemente associado com o que ele pensa a respeito dele.

Notadamente, as crenças linguísticas dos participantes da pesquisa mostram que a ideia de que o bom professor FALA sempre de acordo com as regras de gramática normativa têm se modificado. Uma hipótese é de que essa consciência linguística seja reflexo das discussões em torno dos estudos das variedades linguísticas e sua inserção no currículo escolar.

Desse modo, essa percepção se embasa na compreensão de que o componente cognitivo está relacionado às crenças, aos pensamentos, bem como, aos conhecimentos que se tem em relação a um objeto social definido. Assim, não se pode ter uma atitude em relação a um objeto se não houver alguma representação cognitiva a seu respeito, ou seja, é preciso conhecê-lo (LAMBERT E LAMBERT, 1972).

O Quadro 5 abaixo analisa a crença de que para ESCREVER direito deve-se aprender gramática. As crenças que os acadêmicos de Letras possuem em relação ao uso da língua contribuem para que apresentem um discurso diferenciado a respeito dessa questão.

VARIÁVEL CONSIDERADA		VERDADEIRO		FALSO		Total	
		Quant.	Percent.	Quant.	Percent.	Quant.	Percent.
Matemática	Primeiro Ano	5	83,3%	1	16,7%	6	100,0%
	Último Ano	4	66,7%	2	33,3%	6	100,0%
Física	Primeiro Ano	5	83,3%	1	16,7%	6	100,0%
	Último Ano	6	100,0%	0	0,0%	6	100,0%
Educação Física	Primeiro Ano	4	66,7%	2	33,3%	6	100,0%
	Último Ano	6	100,0%	0	0,0%	6	100,0%
Letras	Primeiro Ano	2	33,3%	4	66,7%	6	100,0%
	Último Ano	0	00%	6	100%	6	100,0%

Quadro 5 - Teste de crenças. Para ESCREVER direito deve-se aprender gramática.

Fonte: CÂNDIDO-RODRIGUES (2019).

Essa crença em torno da língua mostra uma diferenciação da percepção dos acadêmicos de licenciatura em Letras, o que reforça a hipótese de que isso acontece devido a formação acadêmica específica em língua e literatura. Todavia, a gramática

normativa e as variedades linguísticas ainda são um desafio para acadêmicos de licenciaturas, incluindo estudantes de Letras, conforme dispõe Cyranka (2011). Essa autora se diz surpreendida

com a dificuldade dos alunos em perceber e estabelecer a correlação entre aspectos variáveis e discursivos e a prática docente. Nas sessões de seminários e, especialmente, nas de reflexão sobre as experiências no estágio em língua portuguesa, fica patente, por exemplo, sobre o conceito de erro gramatical, sobre a concepção de oralidade e letramento e sobre os objetivos das atividades escolares com a língua materna (CYRANKA, 2011, p. 41).

Os resultados das crenças sobre a língua indicam que a maioria dos acadêmicos entrevistados acredita que para escrever direito, necessariamente, é preciso saber a gramática normativa. Entretanto, os acadêmicos do curso de Letras diferem-se dessa compreensão, principalmente aqueles que estão ao final do curso, mostrando que esses estudantes entenderam o valor social das variantes linguísticas.

O Quadro 6 mostra crenças embasadas no conceito de lealdade e prestígio linguístico relativas à afirmação eu tenho orgulho do meu jeito de FALAR. Essa afirmação posicionou o quesito “verdadeiro” acima dos percentuais de “falso” para os participantes relacionados a todos os cursos. De acordo com Moreno Fernández (1998), essa crença está atrelada ao orgulho de pertencimento a determinado grupo.

VARIÁVEL CONSIDERADA		VERDADEIRO		FALSO		Total	
		Quant.	Percent.	Quant.	Percent.	Quant.	Percent.
Matemática	Primeiro Ano	6	100,0%	0	0,0%	6	100,0%
	Último Ano	6	100,0%	0	0,0%	6	100,0%
Física	Primeiro Ano	5	83,3%	1	16,7%	6	100,0%
	Último Ano	5	83,3%	1	16,7%	6	100,0%
Educação Física	Primeiro Ano	3	50,0%	3	50,0%	6	100,0%
	Último Ano	4	66,7%	2	33,3%	6	100,0%
Letras	Primeiro Ano	6	100,0%	0	0,0%	6	100,0%
	Último Ano	5	83,3%	1	16,7%	6	100,0%

Quadro 6 - Teste de crenças – Eu tenho orgulho do meu jeito de FALAR.

Fonte: CÂNDIDO-RODRIGUES (2019).

A crença relativamente ao orgulho da própria fala está ligada ao poder e ao *status* que determinados grupos linguísticos possuem referentes a sua posição social, econômica e/ou cultural, sendo também denominada de lealdade linguística. Mas essa crença não é confirmada quando se compara o Quadro 6 com o Quadro 7 abaixo. O Quadro 7 explora a crença de que existem outras maneiras de FALAR mais bonitas do que a minha. Apresenta um resultado maior do quesito verdadeiro relativamente ao falso, apresentando falta de coerência entre os dois resultados, de acordo com a compreensão dos acadêmicos entrevistados.

VARIÁVEL CONSIDERADA		VERDADEIRO		FALSO		Total	
		Quant.	Percent.	Quant.	Percent.	Quant.	Percent.
Matemática	Primeiro Ano	4	66,7%	2	33,3%	6	100,0%
	Último Ano	5	83,3%	1	16,7%	6	100,0%
Física	Primeiro Ano	6	100,0%	0	0,0%	6	100,0%
	Último Ano	4	66,7%	2	33,3%	6	100,0%
Educação Física	Primeiro Ano	4	66,7%	2	33,3%	6	100,0%
	Último Ano	5	83,3%	1	16,7%	6	100,0%
Letras	Primeiro Ano	4	66,7%	2	33,3%	6	100,0%
	Último Ano	4	66,7%	2	33,3%	6	100,0%

Quadro 7 - Teste de crenças – Existem outras maneiras de FALAR mais bonitas do que a minha.

Fonte: CÂNDIDO-RODRIGUES (2019).

Moreno Fernández (1998) ensina que nas crenças e atitudes existem tanto a lealdade, quanto a deslealdade linguística, sendo termos que se opõem, mas que têm sua origem em um ponto comum que é a atitude do falante frente a seu grupo linguístico. Desse modo, observa-se que quando os acadêmicos afirmam que “têm orgulho de seu jeito de falar” eles o fazem na perspectiva de manter um discurso desvinculado de suas crenças, visto que, como mostra este artigo, os participantes da pesquisa acham outras maneiras de falar mais bonitas que a sua, provavelmente a fala da classe média alta, refletindo atitudes linguísticas díspares.

Por conseguinte, Marra e Milani (2011) argumentam que Labov expressa semelhante posicionamento quando ele apresenta um discurso de um nova-iorquino que não gostava da forma como ele falava, o que Labov chamaria de “autodepreciação linguística”, que revela a insegurança linguística do falante frente ao uso da língua.

Notadamente, o Quadro 7 evidencia que a maioria dos participantes da pesquisa expressam crenças que revelam insegurança linguística devido à falta de domínio da língua.

O Quadro 8 abaixo mostra a região Nordeste como aquela que os participantes da pesquisa confessam ser a região como a fala mais bonita que a do Tocantins. Esse resultado é significativo visto que traz à tona a valorização do próprio lugar de origem dos antepassados da maioria dos participantes. A maioria dos pais têm sua origem no Nordeste como demonstra os gráficos 1 e 2 abaixo. Em segundo lugar, os participantes consideraram as falas das regiões Sul e Sudeste como mais bonitas do que as de sua região. Isso revela a tendência de reconhecer o falar fala das regiões Sul e Sudeste como “o falar mais bonito”, relacionando-o com regiões onde se encontram o maior desenvolvimento econômico e a concentração de pessoas com maior prestígio social.

REGIÃO	QUANTIDADE	%
NORDESTE	7	36,8 %
SUDESTE	4	21 %
SUL	4	21 %
CENTRO-OESTE	2	10,6 %
NORTE	2	10,6 %
TOTAL	19	100

Quadro 8 – Indicação da região que os acadêmicos acham a maneira de falar mais bonita que a do Tocantins

Fonte: CÂNDIDO-RODRIGUES (2019).

O Quadro 8 acima evidencia a relação de prestígio subjacente ao falar do sul/sudeste que mesmo não sendo o falar da maioria, estabelece-se como o falar de prestígio, pois se relaciona geralmente com a norma da elite socioeconômica brasileira. Esse resultado é incongruente quanto se analisa a origem dos pais dos participantes da pesquisa, já a quantidade de pais e mães oriundos das regiões norte, nordeste e centro-oeste é numericamente bem superior (79) aos dos estados sul e sudeste (11).

Essa incongruência evidencia que os participantes da pesquisa apesar de conferirem ao seu falar um aspecto muito positivo, reconhecendo sua fala como bonita, trazem em contraponto o estabelecimento da fala da classe média-alta do Sul e do Sudeste como sendo mais bonita que a sua e conseqüentemente a fala mais prestigiada. O Gráfico

1 abaixo traz o percentual de naturalidade dos pais por região, com o predomínio da região Nordeste (31,8%), seguida do Norte (25%) e Centro-Oeste (25%), Sudeste (13,6%) e Sul (4,6%). O Gráfico 2 traz o percentual da origem das mães por região, prevalecendo o Nordeste com o maior percentual (34,8%), seguido do Norte (32,5%), Centro-Oeste (26,1%), e o Sudeste (4,2%) e Sul (2,2%) com os menores índices percentuais.

Origem do pai

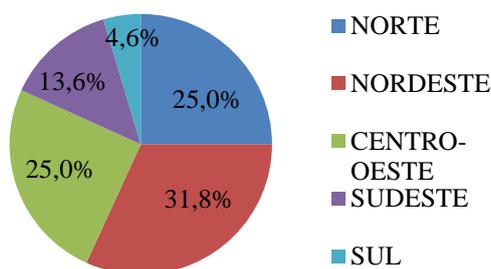


Gráfico 1 – Percentual de naturalidade dos pais por região

Fonte: CÂNDIDO-RODRIGUES (2019).

Origem da mãe

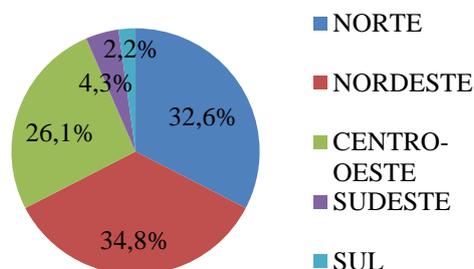


Gráfico 2 – Percentual de naturalidade das mães por região

Fonte: CÂNDIDO-RODRIGUES (2019).

Esses dados são significativos, pois põem em evidência um aparente paradoxo: o indivíduo possui o seu grupo de lealdade com o qual se identifica linguisticamente, o que é evidenciado pela segurança linguística presente na afirmação de que sua fala é bonita pois reflete a fala dos pais. Por outro lado, o mesmo indivíduo tem na fala de pessoas de fora de seu grupo de lealdade um protótipo de fala bonita. Nesse caso, põe em evidência

sua insegurança linguística ao atribuir julgamento de valor a um padrão externo ao seu grupo superior ao seu, o que evidencia sua deslealdade linguística.

Conforme Bergamaschi (2006), isso ocorre, muitas vezes, devido ao pertencimento a uma comunidade linguística cujo *status* seja baixo e com a qual a pessoa não quer ser identificada. Além disso, os resultados apontam o favorecimento da língua que tem maior valor social pelos participantes. Isso remete à argumentação de Faraco (2008, p. 31) sobre a existência de uma língua monolítica “nas representações imaginárias de uma cultura e nas concepções políticas de uma sociedade”.

Assim, conforme Labov (2008, p. 360), os estereótipos “são formas socialmente marcadas, rotuladas enfaticamente pela sociedade”. Esse rótulo que se impõe sobre determinados grupos linguísticos está pautado nos julgamentos sobre as pessoas, nas crenças que o indivíduo carrega a respeito de um traço linguístico, nos conhecimentos sobre um grupo e sua cultura, nos preconceitos em relação à língua e aos falantes dessa língua. Verifica-se, assim, que as crenças dos participantes da pesquisa são permeadas pelos componentes cognitivo, afetivo, comportamental, cultural e social situados pelo apego ao prestígio (*status*) social e linguístico.

Essa relação de poder (*status*) e prestígio social de uma variedade linguística em detrimento de outras pode ser demonstrado também a partir dos resultados apresentados nos quadros 9 e 10 abaixo. Os participantes foram questionados se as classes altas, médias e baixas FALAM todas da mesma maneira. A crença de que essa afirmação é falsa foi quase unânime, revelando a consciência coletiva de que as pessoas fazem usos distintos da língua dependendo da classe socioeconômica a que pertencem. Relativamente à afirmação as pessoas do campo FALAM melhor que as pessoas da cidade, demonstraram crer que a afirmativa era falsa.

VARIÁVEL CONSIDERADA		VERDADEIRO		FALSO		Total	
		Quant.	Percent.	Quant.	Percent.	Quant.	Percent.
Matemática	Primeiro Ano	0	0,0%	6	100,0%	6	100,0%
	Último Ano	0	0,0%	6	100,0%	6	100,0%
Física	Primeiro Ano	0	0,0%	6	100,0%	6	100,0%
	Último Ano	0	0,0%	6	100,0%	6	100,0%
Educação Física	Primeiro Ano	0	0,0%	6	100,0%	6	100,0%
	Último Ano	0	0,0%	6	100,0%	6	100,0%

Letras	Primeiro Ano	1	16,7%	5	83,3%	6	100,0%
	Último Ano	0	0,0%	6	100,0%	6	100,0%

Quadro 9 - Teste de crenças – As classes altas, médias e baixas FALAM todas da mesma maneira.

Fonte: CÂNDIDO-RODRIGUES (2019).

VARIÁVEL CONSIDERADA		VERDADEIRO		FALSO		Total	
		Quant.	Percent.	Quant.	Percent.	Quant.	Percent.
Matemática	Primeiro Ano	1	16,7%	5	83,3%	6	100,0%
	Último Ano	1	16,7%	5	83,3%	6	100,0%
Física	Primeiro Ano	0	0,0%	6	100,0%	6	100,0%
	Último Ano	0	0,0%	6	100,0%	6	100,0%
Educação Física	Primeiro Ano	0	0,0%	6	100,0%	6	100,0%
	Último Ano	0	0,0%	6	100,0%	6	100,0%
Letras	Primeiro Ano	1	16,7%	5	83,3%	6	100,0%
	Último Ano	0	0,0%	6	100,0%	6	100,0%

Quadro 10 - Teste de crenças – As pessoas do campo FALAM melhor que as pessoas da cidade.

Fonte: CÂNDIDO-RODRIGUES (2019).

Esse resultado mostra a crença do participante da pesquisa na superioridade da variedade linguística urbana e evidencia o valor social que ela assume diante da variante rural. Essa postura dos participantes da pesquisa evidenciada no quadro 10 revela uma rejeição velada pela variedade rural, já que ela é quase sempre vinculada à forma “errada de falar” em oposição à forma “correta”, frequentemente relacionada à forma urbana.

Assim, em conformidade com López-Morales (1993), é imprescindível que o falante tenha consciência linguística, isto é, que ele seja capaz de conhecer, bem como de distinguir as diferenças que envolvem a língua, ou variedades que o rodeiam. Além disso, é fundamental o conhecimento da carga social que as variedades linguísticas carregam dentro dos fatores cognitivos, afetivos, comportamentais, culturais e sociais. Esses elementos constroem no indivíduo uma consciência linguística, que se manifestam atitudes decorrentes das crenças que ele possui, a partir da compreensão da segurança ou insegurança linguística, da lealdade ou deslealdade, do prestígio ou desprestígio, do estereótipo, dos preconceitos e da estigmatização dos usos linguísticos.

Conclusão

Esta pesquisa investigou as crenças que estudantes de cursos de licenciatura possuem sobre o uso de que eles fazem sobre a língua portuguesa e as decorrentes posturas sociolinguísticas que assumem suas atitudes diante desse uso. Desse modo, a pesquisa ratifica a compreensão de que as crenças em torno dos usos linguísticos são homogêneas e o que são considerados desvios são decorrentes dos usos valorizados socialmente. Nessa perspectiva, pôde-se identificar e registrar algumas crenças que os sujeitos investigados possuem sobre o uso da língua portuguesa.

A hipótese inicial da pesquisa de que estudantes do curso de Licenciatura em Letras possuíam crenças mais positivas a respeito dos usos linguísticos diversos foram confirmadas em alguns casos, mas mostraram-se, em alguns casos, iguais aos demais pesquisados de outras licenciaturas. Confirmou-se, igualmente, que os estudantes de outras licenciaturas possuem crenças menos positivas relativamente aos usos da língua. Por conseguinte, foi comprovada a justificativa dada às hipóteses levantadas de que isso se dá em decorrência dos estudantes de Letras terem contato com teorias linguísticas desde o primeiro período do curso e na ausência de contato que os estudantes das outras licenciaturas possuem com tais abordagens teóricas, mantendo as crenças construídas sócio-historicamente sobre o ideal linguístico de uma comunidade de fala.

Conforme discutido neste artigo, as crenças linguísticas dos participantes da pesquisa em relação ao próprio uso da língua e sobre os usos de outrem estão baseadas em fatores cognitivos, afetivos, comportamentais, culturais e sociais, ou seja, como em uma função dialética do indivíduo com a linguagem em que os usos da língua estão sendo consolidados no aparelho conceitual dos utentes da língua.

A percepção dos acadêmicos em relação à avaliação linguística com que estão familiarizados, diante da variante mais prestigiada, que a escola apresenta como sendo a única digna de estudo e ensino é de que a língua é um fato social e como tal ela se desenvolve por meio da interação dos sujeitos. As circunstâncias de usos nunca são as mesmas, como nunca são os mesmos os sujeitos da interação. Por isso, os usos diversos devem ser valorizados por que refletem a pluralidade dos falantes da língua.

Não é inegável o valor social que possui a variante padrão culta, e ela reflete o prestígio que seus usuários possuem, logo ela pode ser um instrumento de ascensão social

e por isso ela é instrumento de ensino na escola. Entretanto, as outras variedades não devem ser desprezadas, mas devem ser valorizadas como parte constituinte da identidade linguística do falante, de forma que os estigmas, estereótipos e preconceitos linguísticos sejam minimizados.

A escolha pelo uso de uma variante em detrimento de outra propicia a compreensão de que, no mínimo o falante conhece a existência das variedades linguísticas, bem como possui uma consciência sociolinguística, ou seja, usa as variantes de acordo com os lugares de fala, distinguindo qual variante é mais prestigiada em seu meio social. De posse disso, ele aproveita o uso da língua como prestígio (*status*) social. A isso, Moreno-Fernández (1998) denomina consciência linguística, que é a capacidade do indivíduo de uso da língua, que o leva a manifestar atitudes linguísticas, decorrente de crenças intrínsecas.

E nessa perspectiva, a pesquisa destacou ainda que existe certa resistência no que diz respeito ao ensino da língua no âmbito dos cursos superiores, pois, como argumenta Cyranka “[...] uma fundamentação teórica inadequada, costuma levar os professores a subestimarem a funcionalidade comunicativa da variedade linguística utilizada pelo aluno [...]” (CYRANKA, 2011, p. 44). Dessa forma, é importante ao aluno do curso de Letras e dos cursos que têm a língua portuguesa em suas estruturas curriculares, que ele não só conheça as razões da inadequação de determinadas variedades, mas também desenvolva o conhecimento sociolinguístico e, concomitantemente, a consciência linguística.

O percurso desse trabalho e a tabulação dos dados obtidos nos permite dizer que as crenças que estudantes de cursos de licenciatura possuem influenciam no uso que eles fazem da língua portuguesa e as decorrentes posturas sociolinguísticas que assumem, ou seja, suas atitudes diante desse uso. Isso foi comprovado na geração de dados, que demonstrou que, esses sujeitos apresentaram crenças, muitas vezes, controversas sobre o uso da língua.

A geração de dados desta pesquisa ainda permitiu mostrar que as crenças dos acadêmicos de licenciaturas do IFTO – *Campus* Palmas, sujeitos participantes, reforçam crenças inadequadas sobre um ideal sócio-histórico da unidade linguística, revelando o posicionamento sociolinguístico dos sujeitos que as empregam a partir das posturas de que os usos linguísticos são homogêneos e de que os desvios devem ser condenados e

reprimidos, visando o restabelecimento dos fatos linguísticos aos seus usos valorizados socialmente.

Com base nos resultados desta pesquisa, concorda-se com Cyranka (2011) sobre a importância de o professor construir crenças positivas no aparelho cognitivo dos alunos em relação à língua e suas possibilidades de uso, bem como não impor a norma de prestígio sem reflexão crítica sobre essa variedade. Concorda-se também com a concepção de Bortoni-Ricardo (2004) no sentido de que a escola é, por excelência, o espaço em que o indivíduo vai adquirir, de forma sistemática, os recursos comunicativos, que lhe permitem desempenhar-se competentemente, em práticas sociais especializadas, uma vez que a língua é um fenômeno social, cujo uso é regido por normas culturais. Entretanto, as diversas variedades linguísticas inerentes ao português brasileiro devem ser consideradas, sendo avaliadas na perspectiva das crenças e das atitudes linguísticas decorrentes.

Referências

ANDRADE, C. G. G. *Crenças, percepção e atitudes linguísticas de falantes madeirenses*. 2014. 202 p. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos e culturais), Universidade da Madeira, Ilha da Madeira - PT.

BARBOSA, J. B.; CUBA, D. L. de. Crenças e atitudes linguísticas de alunos do ensino médio em escolas públicas de Uberaba. *Todas as letras*, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 73-90, jan./abr. 2015.

BARCELOS, A. M. F. Reflexões acerca da mudança de crenças sobre ensino e aprendizagem de línguas. *Rev. Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 7, n. 2, 2007.

BERGAMASCHI, M. C. Z. *Bilinguismo do dialeto italiano português: atitudes linguísticas*. 2006. 154f. Dissertação (Mestrado em Letras e Cultura regional) – Centro de Ciências Humanas, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2006.

BORTONI-RICARDO, S. M. Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola, 2004.

CÂNDIDO-RODRIGUES, M. *Crenças e atitudes linguísticas: a percepção de acadêmicos de licenciaturas sobre o uso da língua portuguesa*. 131 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Tocantins, Porto Nacional, 2019.

CYRANKA, L. F. de M. *Atitudes linguísticas de alunos de escolas públicas de Juiz de Fora - MG*. 174 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007.

_____. *Atitudes linguísticas de alunos de escolas públicas*. In: *Dos dialetos populares à variedade culta. A Sociolinguística na escola*. Curitiba: Appris, 2011.

FARACO, C. A. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola, 2008.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Trad. Marcos Bagno; Maria Marta Scherre; Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

LAMBERT, W. W.; LAMBERT, W. E. O Significado Social das Atitudes. In: _____. *Psicologia Social*. 3. ed. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1972. p. 76-99.

LÓPEZ MORALES, H. *Sociolinguística*. 2 ed. Madrid: Gredos, 1993.

_____. *Sociolinguística*. 2 ed. Madrid: Gredos, 2004.

MARRA, D.; MILANI, S. E.. A gênese historiográfica linguístico-científica de Labov. *Linha D'Água*, v. 24, n. 1, p. 139-161, 2011.

MORENO FERNÁNDEZ, F. *Princípios de Sociolinguística y Sociología Del Lenguaje*. Barcelona: Ariel, 1998.

PASTORELLI, D. S. Crenças e Atitudes Linguísticas em Região de Fronteira – Capanema. In: ALTINO, F. C. *Múltiplos olhares sobre a diversidade linguística: nos caminhos de Vanderci de Andrade Aguilera*. Londrina: Midiograf. 2012. Cap. 11. p. 246-263.

SILVA, K. A. Crenças no ensino-aprendizagem e na formação de professores de línguas: delimitação e atravessando fronteiras na linguística aplicada brasileira. In: SILVA, K. A. (Org.). *Crenças, discursos e linguagem*. Campinas: Pontes Editores, 2010. p. 21-102.

_____. Crenças no ensino-aprendizagem e na formação de professores de línguas: pontos e contrapontos. In: SILVA, K. A. (Org.). *Crenças, discursos & linguagem: volume II*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.